



SEÇÃO: EPISTEMOLOGIA E METAFÍSICA

Leibniz: labirintos e encruzilhadas

Leibniz: Labyrinths and crossroads

José Manuel Heleno¹

orcid.org/0000-0003-2272-1987
jmmheleno@gmail.com

Recebido em: 06/01/2021.

Aprovado em: 22/05/2022.

Publicado em: 05/08/2022.

Resumo: De acordo com Gottfried Wilhelm Leibniz para compreender as substâncias individuais devemos distanciar-nos e ver a totalidade. De facto, é preciso ver o quadro à distância conveniente para compreender a perfeição da totalidade e da singularidade. A possível saída do labirinto no qual a metafísica nos enredou, estimula o desejo de conhecer tudo e a certeza de que não há duas substâncias iguais. Totalidade e diferença; máxima totalidade e diferença máxima.

Palavras-chave: Leibniz. Perfeição. Diferença. Singularidade. Substância.

Abstract: According to Gottfried Wilhelm Leibniz, to understand individual substances we must distance ourselves and see the totality. In fact, it is necessary to see the picture at a convenient distance to understand the perfection of wholeness and uniqueness. The possible exit from the labyrinth in which metaphysics entangled us, stimulates the desire to know everything and the certainty that there are no equal substances. Totality and difference; maximum totality and maximum difference.

Keywords: Leibniz. Perfection. Difference. Uniqueness. Substance.

Introdução

Se num labirinto não sabemos qual é a saída, numa encruzilhada há vários caminhos e é possível optar-se por um deles. Por várias vezes Gottfried Wilhelm Leibniz fala em dois labirintos: o da liberdade *versus* necessidade e o do contínuo. Quanto a nós, pensamos que é possível nomear o labirinto leibniziano a partir de três noções: singularidade, totalidade e perfeição. Se houver saída é a perfeição. Se toda a perfeição vem de Deus e a imperfeição vem da própria criatura, é preciso salientar que Deus é o conjunto das perfeições e é essa, aliás, a sua razão de ser.

Tentemos compreender, em primeiro lugar, o que é uma substância individual socorrendo-nos do art.º 8 do *Discurso de Metafísica*² (DM), em particular quando Leibniz se interroga como se devem distinguir as ações de Deus das ações das criaturas. Ao responder que é bastante difícil, o autor acrescenta que as substâncias individuais têm a capacidade de agir e de padecer. Uma substância individual é um sujeito a quem se atribuem predicados. Ora, se os predicados podem ser reais ou virtuais, "é necessário que o termo sujeito encerre sempre o de predicado, de modo que quem entendesse perfeitamente a noção de sujeito julgaria



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Pesquisador Autônomo, Abrantes, Portugal.

² LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm. *Discours de métaphysique et autres textes (1663-1689)*. Paris: Garnier-Flammarion, 2001.

também que o predicado lhe pertence”²

Deste modo, se poderíamos perfeitamente entender uma substância individual, tal significará, no sistema leibniziano, que é possível compreender tudo? O facto de *podermos* compreender tudo – embora tal não aconteça efetivamente – assinala uma confiança na razão humana. Daí a nossa questão: o que será compreender *totalmente* uma substância individual? O que significa esta confiança? Qual o paradigma que a circunscreve? Atente-se que Leibniz não diz que compreendemos mas sim que se trata de uma possibilidade. Contudo, não é por ser apenas uma possibilidade que deixa de desenhar uma perspectiva sobre o homem e o mundo.

Descendente do inventor dos labirintos, o protagonista de *O Jardim de Caminhos que se Bifurcam*, de Jorge Luís Borges, dizia no momento em que se encontrava numa encruzilhada: “Depois refleti que todas as coisas nos acontecem precisamente, precisamente agora. Séculos e séculos e só no presente ocorrem os factos; inumeráveis homens no ar, na terra e no mar, e tudo o que realmente sucede, sucede-me a mim”.³ Só no presente; só no *agora* ocorrem os factos – e sempre foi e será assim.

Que diria Leibniz? Para o autor das “Meditações sobre o conhecimento, a verdade e as ideias” (1684), um conhecimento é o “mais perfeito possível” quando é ao mesmo tempo adequado e intuitivo. Ora, poderei ter tal conhecimento do que me sucede a mim, precisamente agora? Como dar conta da minha singularidade, da totalidade das causas e efeitos, através de um conhecimento adequado e intuitivo? Tarefa difícil, pois, como escrevia Leibniz a Arnauld “ [...] todo o efeito depende de uma multiplicidade de causas e toda a causa produz uma infinidade de efeitos ”.⁴

1 O que é compreender tudo?

Quem pode entender perfeitamente cada substância individual é Deus – trata-se, aliás, de uma compreensão *a priori*. Se nós necessitamos

da experiência – do tempo – para compreender os atributos que convêm a um sujeito, Deus prescinde da experiência e do tempo concomitante. No entanto, qual a necessidade de ver tudo o que ocorre a uma substância individual? Deus não pode ser surpreendido, os homens sim. Devemos então atender ao seguinte: se nós podemos igualar a Deus no que se refere às verdades da razão (o triângulo cuja soma dos ângulos é de 180 graus, o que é uma verdade da razão, analítica), não poderemos igualá-lo no que se refere às verdades de facto. Deus vê o triângulo como nós, mas nós não vemos certas substâncias individuais, *agora*, no presente, como Deus. Assim, não posso prescindir da experiência, mas Deus pode. É a este propósito que se pode falar nos limites da criatura, limites que chegam ao ponto de eu “não poder ver os abismos que tenho debaixo dos pés e ver os astros” (como escreve Leibniz a Arnauld).

Deste modo, uma afirmação essencial na filosofia leibniziana é a de que *Deus tem uma noção completa, a priori, de tudo aquilo que acontece a uma substância individual* (DM, § 8). Esta ideia é, efetivamente, um dos vértices da filosofia de Leibniz, ou seja, pressupõe o culminar de uma série de reflexões. Se fossemos Deus poderíamos, então, conhecer tudo de um indivíduo: o que fez, faz e fará. Tal conceção perturba-nos, e só tem sentido no quadro de um pensamento fortemente metafísico como o de Leibniz. Entre outros aspectos, pressupõe uma visão “total” do tempo, o que está, aliás, de acordo com a noção de regra e de ordem universal. Ao ver a noção individual ou *haecceitas*, Deus vê tudo. Se este é o sonho de qualquer psicologia que se queira apresentar como ciência, é também a convicção de inúmeros metafísicos. Trata-se de abranger, num só olhar, a história de cada indivíduo e, por isso, de todas as coisas, pois aquilo que um indivíduo é só tem sentido quando percebermos a *conexão das coisas*. Este conhecimento, reservado a Deus, não deixa de ser uma das mais sólidas ambições do

² Ibid., p. 213.

³ BORGES, Jorge Luis. *Ficções*. Lisboa: Livros do Brasil, [ca 1970]. p. 96.

⁴ LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm. *Correspondencia con Arnauld*. Buenos Aires: Editorial Losada, 1946. p. 113.

homem. Assim, se conhecêssemos tudo de um indivíduo conheceríamos tudo de todos, pois nada há que esteja fora desta conexão.

Se só compreendemos uma cidade se a vimos em *todos* os seus aspectos, então ver em totalidade significa compreender a relação que existe entre as substâncias simples ou mónadas e as substâncias compostas. Se no mundo está tudo ligado, e ele é pleno por isso, há, simultaneamente, uma espécie de vertigem na forma como se olha para todos os aspectos. Só Deus tem um conhecimento distinto de tudo, pois é Ele a origem de todas as coisas. Numa resposta de Leibniz a Rémond a respeito de uma objeção aos *Princípios da Natureza e da Graça* é referido que há, por todo o lado, "mil desregulações, "mil desordens" no particular, mas "não é provável que as haja no total", pois não é possível "que o universo inteiro não esteja bem regulado".

2 É possível demonstrar que no mundo só há substâncias individuais distintas: tudo é diferente de tudo

É contrário à sabedoria divina criar duas coisas indiscerníveis. A nova metafísica (de Leibniz) assenta na convicção de que é possível *demonstrar que no mundo só há substâncias individuais distintas*. Se assim não fosse, Deus e a natureza agiriam sem razão. Portanto, compreender o mundo significa compreender que *tudo é diferente de tudo*. Na correspondência com Clarke, na terceira réplica, depois de defender que "não há dois indivíduos indiscerníveis", Leibniz acrescenta que "esses grandes princípios da razão suficiente e da identidade dos indiscerníveis mudam o estado da metafísica, que por meio deles se torna real e demonstrativa, ao passo que outrora consistia quase só em termos vazios".⁵ Por que serão tão importantes estes princípios? Por que será essencial que dois indivíduos não sejam só diferentes numericamente mas que sejam existencialmente distintos? *Por que terá o mundo, na perspectiva de Leibniz, de ter substân-*

cias individuais distintas? E como é que isso põe em causa a metafísica anterior, tornando a nova metafísica "real e demonstrativa"?

Na quarta réplica a Clarke, Leibniz diz uma vez mais que se existissem dois seres indiscerníveis, então "Deus e a natureza agiriam sem razão".⁶ E mais à frente:

Esta suposição de dois indiscerníveis (como, digamos, de duas porções de matéria que convém absolutamente entre si) parece possível em termos abstratos, mas não é compatível com a ordem das coisas, nem com a sabedoria divina, na qual nada se admite sem razão.

E ainda:

Quando nego que haja duas gotas de água inteiramente semelhantes ou dois outros corpos indiscerníveis, não digo que seja absolutamente impossível afirmá-los, mas que é uma coisa contrária à sabedoria divina e que por conseguinte não existe.

Compreende-se, assim, que a metafísica tenha sido abordada, por quem não admite o princípio dos indiscerníveis, como "simples doutrina dos termos, como um dicionário filosófico, sem chegar à discussão das coisas".

Temos, por conseguinte, uma resposta de Leibniz a algumas das questões que formulámos anteriormente. Considera-se, por um lado, que a metafísica anterior não compreendeu o mais importante porque não atendeu às coisas, ficando-se pelos nomes. Por outro lado, *diz-se que seria contrário à sabedoria divina e à própria natureza haver dois seres absolutamente indiscerníveis. Isso é possível mas não é desejável* – diz Leibniz. Por fim, quer a razão suficiente quer o princípio dos indiscerníveis não são princípios entre outros: são eles que possibilitam uma nova metafísica.

Há então dois paradigmas: o desejo de conhecer tudo e a certeza de que não há duas substâncias iguais. *Totalidade e diferença; máxima totalidade e diferença máxima*. E esses são conceitos fundamentais: totalidade e diferença. Assim, quando tudo parecia indicar que compreender

⁵ LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm. *Novos Ensaios sobre o entendimento Humano e Correspondência com Clarke*. São Paulo: Nova Cultural, 1988. v. 2. p. 249.

⁶ *Ibid.*, p. 262.

tudo era compreender o mesmo, somos remetidos para a ideia de que só podemos compreender o todo se compreendermos a diferença radical. No mundo, no todo, há a diferença máxima: o mundo é a totalidade das diferenças. Todo o ser é um indivíduo, ou seja, o indivíduo não é um exemplo de uma espécie, pois ele próprio tem uma essência única. Mas se cada indivíduo é único, compreendemo-lo verdadeiramente quando temos sobre todas as coisas um olhar abrangente, ou seja, as conseguimos ver a distância. Só então veremos como o poder absoluto de Deus faz tudo de acordo com regras.

3 Totalidade e singularidade

O que Leibniz quis pensar foi então a totalidade e a singularidade, ou seja, que a totalidade – o mundo – deve ser compreendida a partir da multiplicidade das singularidades. É por não haver duas singularidades indiscerníveis que a totalidade ganha sentido. Mas se cada singularidade espelha tudo, fá-lo de forma confusa. Melhor: a singularidade, por sê-lo, é limitada. Mas esses limites – tal como os números irracionais ou a diagonal de um quadrado – permitem a máxima diferença de singularidades (e também, analogicamente, de números e de figuras).

Estas singularidades existem em um todo determinado; e se fossem outras seria outro todo e não este. As essências, os possíveis, são mundos infinitos que determinam estas ou aquelas singularidades. Temos então a ideia que a própria totalidade se singulariza pelo facto de cada singularidade implicar um todo – uma série determinada de efeitos. Tudo se joga, repetimos, em duas categorias: totalidade e singularidade e na forma como ambas se exprimem: uma totalidade singular; uma singularidade total.

Vejamos, de novo, as cartas a Arnauld: compreender um indivíduo é compreender um indivíduo determinado, o que equivale a compreender o mundo possível em que se insere, pois "se há uma infinidade de mundos possíveis, há também

uma infinidade de leis" e "cada indivíduo possível de um mundo encerra na sua noção as leis do seu mundo".⁷ No país dos possíveis, ou seja, no entendimento, Deus pode formar uma noção determinada de Adão. Significa isto que deve atribuir-se a Adão uma noção completa. No entanto, se pode existir uma pluralidade de Adões possíveis, há um Adão determinado que nasceu de um decreto livre de Deus, o que significa que possui determinados predicados e é, portanto, uma noção completa.

No artigo 9 de DM, escreve-se em título: "Que cada substância singular exprime todo o universo à sua maneira e que na sua noção estão compreendidos todos os seus acontecimentos, como todas as suas circunstâncias e toda a série das coisas exteriores".⁸ Ainda antes do conceito de mónada – que só surge em 1696, numa carta a Fardella – Leibniz confessa que da afirmação transata se seguem "vários paradoxos consideráveis". Esta ideia de uma substância formal, indivisível, que não pode começar senão por criação e perecer senão por aniquilação, que é um mundo inteiro e um espelho de Deus, é verdadeiramente extraordinária. Que nos diz ela? Se tudo se relaciona expressivamente há a preocupação de pensar a totalidade. Assim, por que é que todas as substâncias terão de se espelhar e exprimir entre si? Pensar numa substância é pensar em todas elas. Numa das cartas a Arnauld, Leibniz afirma:

Uma coisa expressa outra (na minha linguagem) quando há uma relação constante e ordenada entre o que pode dizer-se das duas. Neste sentido, uma projeção em perspectiva expressa o seu plano. A expressão é comum a todas as formas e constitui um género do qual são espécies a percepção natural, a sensação animal e o conhecimento intelectual.⁹

Convenhamos, no entanto, que esta ideia só é aceitável num fundo metafísico. Fala-se num ponto formal essencial – e não material, como o átomo – dotado de uma verdadeira unidade, que espelha todos os acontecimentos e "toda

⁷ Op. cit., p. 43.

⁸ LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm. *Discours de métaphysique et autres textes (1663-1689)*. Paris: Garnier-Flammarion, 2001. p. 214.

⁹ Op. cit., p. 126.

a série de coisas exteriores". Este é o poder de Deus, ou seja, a ordem e a inter-relação de tudo. Ainda no artº 9 de DM: "Assim, o universo está, de certo modo, multiplicado tantas vezes quantas as substâncias existentes, e a glória de Deus está igualmente redobrada por outras tantas representações diferentes da sua obra".¹⁰ A substância individual imita Deus, quer dizer, o seu poder e sabedoria. Mas por que terá de imitar Deus exprimindo tudo? Por que terão as coisas de se acomodar? A metafísica exprime o máximo de totalidade e de singularidade; da totalidade à singularidade – tudo, portanto. Digamos que a metafísica diz respeito ao todo porque diz respeito à singularidade e vice-versa.

Acresce que as almas se distinguem pelas suas capacidades expressivas. Há umas que expressam melhor do que outras os corpos exteriores e o universo, o que significa que há graus diferentes de expressão, ou seja, que nem sempre se exprime corretamente a relação entre as coisas. Assim, se fosse tão fácil ver quem somos, seria tão fácil ser profeta como geômetra. É que a noção específica de uma esfera pode enunciar-se numa série de predicados. Mas de mim, substância que pensa, escreve Leibniz a Arnauld, pode dizer-se que "é infinitamente mais extensa e difícil de compreender."

4 Necessidade, possibilidade e contingência. O existente é o contingente

No célebre artigo 13 do *Discurso de Metafísica* é fundamental tentar compreender verdades que são seguras sem deixarem de ser contingentes e o facto de as criaturas, ao escolherem, terem razões que inclinam sem obrigar. Há, para Leibniz, uma diferença significativa entre verdades que, sendo seguras, não deixam de ser contingentes e entre inclinar e obrigar.

Começemos por distinguir entre o certo e o necessário. Certos são os futuros contingentes – "já que Deus os prevê" – mas nem por isso são

necessários. Na *Teodiceia*¹¹ (I, art.º 36-38) far-se-á a distinção entre o certo (pré-conhecido) e o necessário (determinado). O facto de se conhecer antecipadamente não implica a necessidade da sua ocorrência. No seguimento da sua argumentação, Leibniz considera essencial distinguir verdades de razão e verdades de facto, ou seja, entre necessidade absoluta (a que decorre do entendimento divino) e necessidade hipotética (a que se relaciona com contingências).

Percebemos que está em causa a liberdade das criaturas – e é também nesse pano de fundo que se desenrola a argumentação do artigo 13 do *Discurso de Metafísica*. Júlio César poderia ter agido de outro modo, embora Deus saiba como ele o fará, quer dizer, o que irá escolher e a forma como se servirá da sua liberdade. Se Júlio César poderia ter agido de outro modo, existem várias possibilidades, todas contingentes, e escolher uma não implica contradição. Mas numa verdade absolutamente necessária o seu contrário implica contradição – como se demonstra na geometria e, por exemplo, nas propriedades do círculo.

Há, deste modo, em cada mundo possível formas substanciais determinadas, que seriam outras se o mundo possível fosse outro. Mas se Deus, por um decreto livre, criou este mundo, são estas leis e não outras que o caracterizam. Temos então que compreender que vivemos num mundo possível – e nada se compreenderia de Leibniz se não se considerasse esse país dos possíveis que é o entendimento, ou seja, da infinita pluralidade de mundos, somos o que somos num deles. Neste sentido, aquilo que é certo e seguro é que este Adão expressa este mundo – estas leis – e, e se não há nenhuma necessidade absoluta, é porque poderia ter sido outro se Deus assim o desejasse. Contudo, nesse país dos possíveis há verdades necessárias ou eternas que não dependem dos decretos de Deus, "porque os decretos livres de Deus, considerados como possíveis, entram na noção de Adão possível, sendo esses mesmos decretos, factos já atuais,

¹⁰ Ibid., p. 214-215.

¹¹ LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm. *Essais de théodicée*. Paris: Garnier-Flammarion, 1969.

a causa de Adão atual".¹²

Se uma coisa é o país dos possíveis (o entendimento), outra são os decretos livres de Deus (a sua vontade, que age de acordo com o melhor). Um indivíduo, criado por Deus num mundo possível determinado, pode então agir livremente dentro desse mundo – posso fazer ou não uma viagem, isso depende da minha escolha. Mas a insistência de Leibniz é que Deus sabe *a priori* como vou usar da minha liberdade. Deixarei de ser livre por isso? O que Leibniz afirma é que há um encadeamento e uma entre-expressão de todos os indivíduos e de toda a série de acontecimentos, ou seja, que não teria sentido falar num mundo em que tudo não tivesse a ver com tudo. O encerramento de cada substância em si própria – o facto de a alma não ter qualquer poder sobre o corpo e vice-versa, ou antes, o facto de nada poder interferir com nada, é o pano de fundo no qual essa liberdade se exerce. O que ressalta é a ordem e a ideia de uma comunicação entre substâncias que só aparentemente é paradoxal, pois, o facto de cada substância estar encerrada em si própria não impede que, de forma ordenada e regulada, haja uma comunicação entre as substâncias.

Mas há uma questão que nos parece interessante: Deus escolheu um mundo possível ou escolheu indivíduos? Escolheu um mundo possível ou escolheu um Adão possível que faz parte de um mundo determinado? Qual foi a ordem que optou? A do mundo ou a das substâncias individuais? É provável que a questão não tenha resposta, pois, se Deus "não tomou nenhuma resolução sobre Adão sem tomar sobre tudo o que tem alguma relação com ele", então escolher o mundo é escolher o Adão que lhe corresponde.

Nas "Notas sobre a parte geral dos Princípios de Descartes" (1692),¹³ contrariando o argumento ontológico de Descartes (e de S. Anselmo) sobre a demonstração da existência de Deus – que

considera que, partindo da noção de um ser mais perfeito e maior, Deus existirá necessariamente (pois a existência é a maior de todas as perfeições) –, Leibniz opta por uma demonstração "mais rigorosa". Assim: um ser (Deus) é um ser perfeito e necessário *porque possível*, ou seja, "que a essência da qual se segue a existência é possível".¹⁴ Ora, é "insigne privilégio" da natureza divina que se é possível existe necessariamente – *enquanto para as restantes coisas a existência não se segue da possibilidade*.

Sintetizemos servindo-nos do texto "Da Liberdade, da contingência e da série das causas, da providência"¹⁵ (1689), onde se afirma:

Mas nas verdades contingentes, se bem que o predicado seja no sujeito, de tal não se pode jamais fazer objeto de uma demonstração, e jamais a proposição não se pode reconduzir a uma equação ou identidade: a resolução procede ao infinito.¹⁶

É assim que as proposições nas quais a análise conduz à identidade são necessárias e demonstráveis, enquanto as contingentes são indemonstráveis e a análise é interminável. Acresce que é fundamental ter em consideração que a *razão de existir das contingências é mais forte do que a razão de não existir*.

5 A perfeição

"Chamo *Perfeição* toda a qualidade simples que é positiva e absoluta, ou que exprime sem limite nenhum tudo aquilo que ela exprime" (*Que o ser todo perfeito existe* – 1676).¹⁷ Tal significa que não podemos aplicar os procedimentos habituais da demonstração a uma proposição que comporta termos que designam perfeições. Ou seja, a perfeição não se demonstra: é um *maximum*, do qual não teríamos a menor ideia se Deus não existisse.

Escreve-se na *Teodiceia* que "o universo é todo de uma só peça. Se não existisse pecado

¹² Ibid., p. 56.

¹³ Cf. LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm. *Opusculs philosophiques choisis*. Traduits par Paul Schrecker. Paris: Vrin, 1962.

¹⁴ Ibid., p. 24.

¹⁵ LEIBNIZ, 2001, p. 323.

¹⁶ Ibid., p. 330.

¹⁷ Ibid., p. 95.

este mundo não era o melhor". E ainda: "É preciso então procurar a razão da existência do mundo, que é o conjunto inteiro das coisas contingentes, e é preciso procurá-la na substância que leva a razão da sua existência com ela, e a qual, por consequência, é necessária e eterna".¹⁸ A não esquecer que a origem das essências é o entendimento de Deus, enquanto a origem das existências está na sua vontade.

Deste modo, a razão suficiente está fora da série – e a série existente é a mais perfeita. A perfeição é um *maximum*, do qual, repetimos, não teríamos a menor ideia se Deus não existisse. Há então um laço entre totalidade, singularidade e perfeição, quer dizer, a totalidade das coisas, cada uma delas, e a perfeição do todo e de cada uma. Interroguemo-nos: pode pensar-se metafisicamente sem estas três noções? Não, pois ao pensarmos a totalidade pensamos o ínfimo e sabemos que tal não é demonstrável porque é perfeito.

Não sabemos, na verdade, o que poderia ser a atualidade de outros mundos possíveis. Só Deus o sabe. Temos então de confiar em Deus. É satisfatória esta resposta? Temos que pensar o possível para compreender o atual – mas o possível, por ser possível, por não ser atual, não se deixa pensar da mesma forma que pensamos o existente.

6 "A imensa subtileza das coisas que envolve um infinito atual sempre e por todo o lado"

Lê-se no prefácio dos *Novos Ensaios sobre o Entendimento Humano*¹⁹ que há, a todo o momento, uma infinidade de percepções, quer dizer, alterações na alma das quais não nos apercebemos. Diremos que Leibniz cava a singularidade tornando-a infinitamente singular. "Estas pequenas percepções, pelas suas sequências, são muito mais eficazes do que se pensa".²⁰ A

ligação com o universo vem das pequenas percepções – das *percepções insensíveis*. De facto, é pelas percepções insensíveis que se explica a harmonia entre a alma e o corpo e até de todas as mônadas ou substâncias simples.

Há, então, um domínio das pequenas percepções que, inquietas, fazem com que se decida por isto ou aquilo (por exemplo: virar, numa encruzilhada, à esquerda ou direita). Leibniz, numa expressão poética, fala-nos nos *Novos Ensaios sobre o Entendimento Humano* da "imensa subtileza das coisas que envolve um infinito atual sempre e por todo o lado".²¹ Só a razão suprema consegue ver *toda* a subtileza e inquietude das percepções insensíveis

Deste modo: se a atividade é a essência das substâncias individuais é porque há uma perfeita espontaneidade que as caracteriza. Cada substância realiza de forma *perfeita* a sua essência se a consuma. O perfeito é o acabado/ completo; o imperfeito é aquilo a que falta algo para ser.

É então a perfeição que faz com que o infinito crie o finito e que este se espelhe naquele. É a perfeição que faz com que a totalidade se singularize e que esta tenha sentido em um todo. Sem a perfeição *um ser* não seria um *ser*. Lembremos o que Leibniz escreve numa das cartas a Arnauld: "Aquilo que não é verdadeiramente *um ser* também não é verdadeiramente um *ser*." Toda a realidade pressupõe uma unidade, o que atesta a importância da noção de substância individual: *um ser* é *ser*.

Também em "Da produção original das coisas captadas à sua raiz" (1697),²² a razão última das coisas está para além do mundo. Portanto, "a razão suficiente da existência das coisas não se encontraria nem em nenhuma das coisas singulares, nem em todo o agregado ou a série das coisas".²³ Neste sentido, a perfeição está para além da singularidade e da totalidade: é ela que as cria. A razão das coisas está fora das coisas.

¹⁸ LEIBNIZ, 1969, p. 107.

¹⁹ LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm. *Nouveaux essais sur l'entendement humain*. Paris: Garnier-Flammarion, 1966.

²⁰ *Ibid.*, p. 39.

²¹ *Ibid.*, p. 40.

²² Cf. LEIBNIZ, 1962.

²³ *Ibid.*, p. 83.

“Porque o mundo atual é necessário física ou hipoteticamente, mas não absolutamente ou metafisicamente”.²⁴

Todos os possíveis implicam uma essência, que têm direito igual à existência de acordo com o grau de perfeição que implicam. Assim: “A perfeição não é outra coisa que a quantidade de essência”, pois, “há sempre, nas coisas, um princípio de determinação, que é preciso tirar da consideração de um máximo e de um mínimo, a saber que um máximo de efeito seja fornecido com um mínimo de gasto”.²⁵ Na formação original das coisas, Deus aplica uma espécie de matemática divina ou de mecanismo metafísico, intervindo aí a determinação de um máximo – o máximo de possíveis.

Que nos aconselha Leibniz para perceber que este é o melhor dos mundos possíveis? Olhar em totalidade. Devemos distanciarmo-nos das coisas e ver a totalidade, e não “alguns milhares de anos de que a história nos conservou a memória”. É preciso ver o quadro à distância conveniente para compreender a perfeição da totalidade e da singularidade. De facto, sem a perfeição não encontramos saída para os labirintos nem soluções para as encruzilhadas.

Conhecer tudo de todas as coisas e conhecer tudo de cada uma delas, na sua singularidade, significa ter de maximizar as perspetivas porque as diferenças são infinitas. Basta pensarmos na infinidade das percepções e no facto de estas poderem existir sem apercepção e reflexão para compreendermos que se trata de uma tarefa infundável. Só a perfeição divina permite entender a importância das pequenas percepções e a duplicidade entre totalidade e diferença.

Referências

BORGES, Jorge Luís. *Ficções*. Lisboa: Livros do Brasil, [ca 1970].

LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm. *Correspondencia con Arnauld*. Buenos Aires: Editorial Losada, 1946.

LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm. *Opuscules philosophiques choisies*. Traduits par Paul Schrecker. Paris: Vrin, 1962.

LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm. *Nouveaux essais sur l'entendement humain*. Paris: Garnier-Flammarion, 1966.

LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm. *Essais de théodicée*. Paris: Garnier-Flammarion, 1969.

LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm. *Novos Ensaios sobre o entendimento Humano e Correspondência com Clarke*. São Paulo: Nova Cultural, 1988. v. 2.

LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm. *Discours de métaphysique et autres textes (1663-1689)*. Paris: Garnier-Flammarion, 2001.

José Manuel Heleno

Doutor, mestre e licenciado pela Faculdade de Letras de Lisboa (FLUL), em Lisboa, Portugal.

Endereço para correspondência

José Manuel M. Heleno

Agrupamento de escolas, nº1 R

Visconde de Abrançalha, 262,

2200-125

Abrantes, Portugal

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do autor antes da publicação.

²⁴ Ibid., p. 84.

²⁵ Ibid., p. 85.